

## Carta do Gestor / julho 2024

### Internacional

Finalmente em julho, os ativos de risco no Brasil e no exterior, evoluíram na mesma direção. O FED manteve a taxa básica de juros inalterada, mas a perspectiva de que vá cair brevemente alimentou a evolução das bolsas globais, enfraqueceu os juros futuros e fez o dólar perder valor frente as principais moedas. No Brasil com a taxa básica também mantida, a bolsa subiu, os juros longos caíram e só o dólar que se valorizou perante o real.

Quanto a zona do Euro, a agência Eurostat divulgou que a inflação do consumidor se elevou de 2,50% anualizada em junho, para 2,60% anualizada em julho, com a maior colaboração do setor de serviços e contrariando as expectativas dos analistas. Em meados do mês o Banco Central Europeu – BCE decidiu manter inalteradas as taxas de juros e afirmou que para a próxima reunião em setembro, nada está decidido ainda.

Nos EUA, foram criadas 114 mil novas vagas de trabalho não rural, bem abaixo das expectativas que estavam em torno de 185 mil vagas. A taxa de desemprego subiu de 4,10% em junho, para 4,30% em julho. Já a taxa de inflação do consumidor desacelerou pelo quarto mês seguido, indo de 3,00% anualizada em junho, para 2,90% no último mês. Outra boa notícia diz respeito à evolução do PIB no segundo trimestre de 2024, que superou as expectativas ao crescer 2,80% anualizado, por conta do maior consumo das famílias. E como já foi dito, o FED em sua reunião no final de julho decidiu, pela oitava vez consecutiva manter inalterada a taxa básica de juros no intervalo entre 5,25 e 5,50% a.a., mas sinalizou um possível corte em setembro.

Na China as maiores preocupações do governo para se atingir a meta de crescimento do PIB de 5% em 2024 se concentram no andamento das exportações, que podem ser bastante prejudicadas caso a desaceleração da economia americana seja acima do esperado e o consumo interno não a compense, bem como no mercado imobiliário que tem vivido uma prolongada crise.

No mercado de renda fixa, as taxas de juros dos títulos de dez anos do governo alemão, que iniciaram julho em 2,60% a.a., encerraram o mês em 2,30% a.a., já os juros títulos de 10 anos do tesouro norte-americano, que no início do mês rendiam 4,48% a.a., recuaram para 4,10% a.a. no final. Quanto a bolsa norte-americana, medida através do índice S&P 500, a valorização em julho foi de 1,13%, acumulando alta de 15,78% no ano.

## Brasil

Conforme o IBGE, a inflação do consumidor em julho, medida através do IPCA subiu 0,38%, ficando acima do esperado. A maior contribuição na alta veio do setor de transportes, com destaque para o avanço dos preços da gasolina e das passagens aéreas. No ano a inflação acumulada foi de 2,87% e a de 12 meses atingiu 4,50%, o teto da meta para 2024. E também como já foi dito, em sua reunião no final de julho, o Comitê de Política Monetária – COPOM do Banco Central, manteve, por unanimidade, pela segunda vez consecutiva, inalterada a taxa Selic, em 10,50% a.a. No comunicado pós reunião, foi dito que a política monetária deve se manter contracionista por tempo suficiente em patamar que consolide não apenas o processo de desinflação, como também a ancoragem das expectativas em torno da meta de inflação. A questão fiscal segue preocupando também.

No setor externo, a balança comercial do país, teve, em julho, superávit de US\$ 7,60 bilhões, acumulando em 2024 um resultado positivo de US\$ 49,50 bilhões. O dólar, por sua vez, apresentou valorização de 1,86% perante o real no mês, acumulando uma valorização de 19,83% em doze meses.

Quanto ao mercado de ações, o índice Ibovespa avançou 3,02% em julho, passando a acumular queda de 4,87% no ano. O fluxo de capital estrangeiro para a B3 foi positivo em R\$ 3,40 bilhões, reduzindo o saldo acumulado no ano para menos R\$ 36,70 bilhões.

Em relação ao mercado de crédito, de acordo com o documento Estatísticas Monetárias e de Crédito, divulgado mensalmente pelo Banco Central do Brasil, o saldo das operações de crédito do Sistema Financeiro Nacional – SFN, alcançou R\$ 6,01 trilhões em junho, com expansão de 1,20% em relação ao mês anterior. Houve avanço de 2,20% no saldo das operações de crédito com pessoas jurídicas, que totalizaram R\$ 2,30 trilhões e de 0,60% no das operações com pessoas físicas que somou R\$ 3,70 trilhões. Em doze meses, o saldo total de crédito do SFN cresceu 9,90%, ante 9,10% nos doze meses até maio. Por segmento, o crédito as empresas avançou 7,70% em doze meses até junho e o destinado às famílias 11,40%.

## Perspectivas Cenário Macro

Após a última reunião do FED, o seu presidente Jerome Powell afirmou que “um corte na taxa de juros poderá estar na nossa mesa já na próxima reunião do colegiado em setembro. As leituras da inflação no segundo trimestre aumentaram nossa confiança e novos dados positivos fortaleceriam ainda mais essa confiança”. Importantes instituições financeiras norte-americanas entendem que embora a manutenção prolongada dos juros altos impliquem em risco de recessão, o FED tem muito espaço para cortar as taxas e pode fazer isso de modo rápido, se necessário, para evitá-la. A economia no geral parece estar bem e além disso, não existem grandes desequilíbrios financeiros. É aguardar os novos dados macroeconômicos.

No Brasi a dívida bruta do setor público registrou alta acima do esperado em junho ao alcançar 77,80% do PIB, contra 76,70% no mês anterior. O déficit primário em junho foi de R\$ 40,87 bilhões. Assim a questão fiscal continua no centro das preocupações do Banco Central, cujo comando atual irá até dezembro. Com a mudança fica a incógnita de como a instituição pautará as suas decisões. Para a agência de rating S & P Global, o evento será um grande teste para o rumo que deverá tomar a economia brasileira, em um momento em que a deterioração fiscal por conta dos juros altos está sendo observada nas principais economias do mundo. É um desafio que terá que ser enfrentado globalmente, principalmente pelas economias emergentes.